

Economia Bíblica

Gary DeMar

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Pode a economia ser estudada a partir de uma perspectiva cristã? Existe uma Economia distintivamente *Bíblica*, ou a abordagem bíblica das questões econômicas é uma entre muitas outras abordagens? Alguns poderiam manter que a economia é um empreendimento “neutro”, onde a religião em geral e o Cristianismo em particular são irrelevantes. Essa, contudo, não é a visão cristã. Economia lida com relações, permuta de mercadorias, pesos e medidas justas, negócios justos, contratos, investimentos, planejamento futuro e caridade. Como o indivíduo, a família, a igreja, o estabelecimento comercial ou o governo civil é capaz de determinar como cada um governará seus assuntos financeiros? Deve existir um *padrão*. Esse padrão será de acordo com o homem e sua palavra, ou de acordo com Deus e sua Palavra? Não há nenhuma terceira opção. Dizer, portanto, que as questões econômicas deveriam ser avaliadas a partir de uma premissa neutra é dizer que Deus não está preocupado com a ordem econômica da sociedade.

Embora o humanista tenha reservas sobre o envolvimento cristão na economia, mui frequentemente até mesmo cristãos têm reservas sobre cristãos trazendo a Bíblia para tratar com questões econômicas. O humanista não quer ser confrontado com absolutos. Seu sistema econômico é designado para servir a si mesmo. Um exemplo de uma decisão econômica humanista para servir aos propósitos do homem é a abolição do padrão ouro.² O homem, através da agência do Estado, pode agora criar dinheiro à vontade para financiar qualquer programa governamental proposto pelo Estado. Essa política econômica humanista tem sido desastrosa para o nosso país (USA), com inflação e dinheiro sem valor como o resultado.

Para o cristão, o assunto da economia frequentemente é visto como somente “secular” ou “material” e, portanto, fora da esfera espiritual, e assim, de considerações bíblicas. O resultado é uma dicotomia entre aspectos espirituais (religiosos) e materiais (seculares) da realidade, como se a Bíblia não falasse de ambos. Tal pensamento exclui eficazmente os cristãos de esforços terrenos importantes. A Bíblia, contudo, não faz tal distinção. As coisas materiais não são más em si mesmas. Quando Deus finalizou sua obra criadora, ele olhou para o que tinha feito e a avaliou: “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gênesis 1:31). Gary North, comentando sobre a bondade da ordem criada, escreve:

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em setembro/2007.

² “Sistema monetário baseado em ouro”. (Nota do tradutor)

O primeiro capítulo de Gênesis repete esta frase, “e viu Deus que isso era bom”, cinco vezes (vv. 10, 12, 18, 21, 25), em adição ao resumo final no versículo 31. Os atos criativos de Deus foram avaliados por Deus e achados como bons. Eles refletiam sua própria bondade e a correspondência entre seu plano, seus padrões de julgamento, sua palavra *fiat*, e os resultados de sua Palavra, a criação. A criação foi totalmente boa porque era unicamente o produto da palavra soberana de Deus. Portanto, Deus imputou valor positivo à sua criação, pois a criou perfeita (*The Dominion Covenant*: Gênesis, p. 37).

O apóstolo Paulo reitera a avaliação de Deus sobre a ordem criada com o seguinte juízo de valor: “pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado” (1 Timóteo 4:4, 5). Declarar que a matéria (a constituição das coisas físicas) é de alguma forma má, é chamar a criação de Deus de algo menos que bom. Deus e sua criação são desonrados por aqueles que dizem que os cristãos não deveriam estar preocupados com questões materiais (seculares) tais como economia.

Existiam aqueles na igreja em Colosso que estavam persuadidos que evitando coisas materiais eles evitariam o pecado. As palavras de Paulo trouxeram o assunto à perspectiva correta: “Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças: não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilo, segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem. Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade” (Colossenses 2:20-23). As coisas materiais não são más. Antes, o *uso* pecaminoso do homem do que é criado *pode* ser pecaminoso. Por exemplo, o dinheiro não é mal, mas o *amor* ao dinheiro sim (1 Timóteo 6:10). Portanto, fazer um voto de pobreza não erradicará de forma alguma o amor por possessões materiais, pois o pecado não está nas *coisas* deste mundo, mas nas atitudes que o homem mantém para com elas e o seu uso (cf. Marcos 7:15, 20-13).

O cristão é chamado para uma tarefa de domínio, trazendo toda área da vida em submissão a Jesus Cristo e seus mandamentos (cf. Gênesis 1:26-28; Mateus 28:18-20; 2 Coríntios 10:5, 6). Essa tarefa não pode ser realizada sem envolvimento em nosso mundo, incluindo seus assuntos econômicos. Como os bens podem ser permutados quando não existe nenhum conceito de valor?: “Ora, quanto mais vale um homem que uma ovelha? Logo, é lícito, nos sábados, fazer o bem” (Mateus 12:12). Como um indivíduo pode alegar posse e administração de seus bens, sem leis para proteger a propriedade? “Não furtarás” (Êxodo 20:15). Como pode os governos civis ser impedidos de inflacionar o suprimento de dinheiro, sem leis para proteger contra a

degradação da moeda corrente?: “Balanças justas, pesos justos, efa justo e justo him tereis” (Levítico 19:36). Como um comércio pode ser justo, se não existem leis para proteger o pobre, o consumidor e o comerciante se, à vontade, “o efa [pode ser] diminuído, o siclo aumentado” (Amós 8:5)? Como pode o governo civil de hoje, em nome da “justiça social”, ser proibido de roubar do rico para suprir as necessidades do pobre?: “Não farás injustiça no juízo, nem favorecendo o pobre, nem comprazendo ao grande; com justiça julgarás o teu próximo” (Levítico 19:15).

Como podem os cidadãos ser assegurados que seu dinheiro é apoiado por uma mercadoria (ouro ou prata) e não uma promessa (dinheiro em papel)? O sistema monetário da nossa nação tinha o ouro e a prata como promessa de valor. Isso estava escrito em nossa Constituição. O dinheiro de “papel” apenas “representava” o dono do ouro ou prata. Noah Webster, em seu *American Dictionary of the English Language* (1828), nos dá algumas das razões práticas: “Ouro e prata, contendo grande valor num círculo pequeno, e sendo portanto de fácil transporte, e sendo também durável e pouco sujeito ao desgaste por uso, são os metais mais convenientes para moeda ou dinheiro, que é o representante das mercadorias de todas as nações, e de tudo o que é capaz de ser transferido em comércio”. A Bíblia nos informa que o “ouro... é bom” (Gênesis 2:12a).

Um sistema econômico de algum tipo prevalecerá numa sociedade. O domínio econômico será instituído e seguido de acordo com algum padrão. Quando um sistema econômico é formulado, baseado em certas pressuposições religiosas, o próximo passo é a implementação desse sistema. Se o sistema está fundamentado na lei imutável de Deus, o processo de implementação deve ser baseado bíblicamente também. Conformidade ao sistema bíblico vem de dentro, baseado na regeneração do coração (auto-governo sob Deus). Conformidade a um sistema econômico humanista vem de fora, usualmente em termos de revolução violenta e eventual tirania governamental.

Os homens sempre tiveram que escolher entre dois métodos de mudança social: regeneração e revolução. O cristão primeiro busca disciplinar *a si mesmo* ao padrão de Deus. Ele então publica o evangelho e tenta implementar pacificamente as leis de Deus para a vida de sua cultura, confiando no Espírito de Deus para o sucesso de seus esforços. Ele sabe que não existe, e nunca existirá, uma sociedade perfeita nesta vida. Ele sabe que o Reino de Deus se espalha como fermento no pão – não por explosões massivas e destruidoras, mas por permeação gradual. Ele sabe que a justiça, retidão e paz resultam do derramamento do Espírito no coração do homem (Isaías 33:15-18); a estrutura legal de uma nação é, portanto, um indicador, não uma causa, do

caráter nacional. A lei não salva! (David Chilton, *Productive Christians in an Age of Guilt-Manipulators*, p. 100).

Os princípios econômicos derivam sua autoridade de princípios religiosos. Sistemas econômicos socialistas vêem o Estado como messiânico, e, portanto, dão autoridade para romper qualquer ordem social “desigual” pelos meios que considerarem necessários. Isso usualmente ocorre por meio da posse dos meios de produção pelo Estado. Quando esse processo é visto como muito lento, geralmente segue-se uma revolução violenta. Contrário ao Socialismo, um sistema econômico bíblico coloca o poder de fazer decisões econômicas nas mãos de indivíduos que fazem milhões de decisões econômicas todos os dias. A troca de mercadorias acontece livremente. Se um homem deseja comprar um automóvel, ele pode fazê-lo. O fornecedor do automóvel troca livremente seu produto com o dinheiro do consumidor. Cada um crê que fez o melhor negócio. Não há coerção para comprar ou vender. O poder econômico permanece com os muitos. Se o consumidor não gosta do negócio, pode procurar em outro lugar. Uma economia livre permite a competição entre fabricantes automobilísticos. Num sistema socialista há pouca, se é que alguma competição.

Os cristãos, contudo, devem estar cientes daqueles que desejam criar um mercado “livre” sem as leis econômicas imutáveis de Deus, que governam de fato a nossa liberdade. Qualquer sistema econômico que omita Deus, não somente como um fator na produção e prosperidade econômica, mas também como a *chave* para a economia e a prosperidade econômica, é um sistema falso, não importa quão anti-estatista possa ser. A adoção da liberdade carrega com ela certas responsabilidades. Por exemplo, nossa Constituição garante liberdade de expressão, mas não garante liberdade para perjurar ou gritar “Fogo!” num teatro lotado. Não existe tal coisa como liberdade irrestrita e autônoma, todo o mundo fazendo o que é correto aos seus olhos, conquanto a ação não injurie a outros (cf. Juízes 17:6). Embora o cristão deva se opor a toda forma de Socialismo e Marxismo por causa de suas políticas coletivistas (fazendo do Estado soberano), ele deve evitar também a liberdade licenciosa onde o relativismo individual reina (fazendo do indivíduo soberano). A Bíblia é o padrão do cristão, não a voz independente do indivíduo ou a voz coletiva da maioria.

Sumário

“A (assim chamada) religião tem muito a ver com criar a atmosfera e delinear os limites dentro dos quais a ciência positiva é aplicada e a verdade objetiva percebida.

“A ‘religião’ mais popular de nossos dias é o humanismo (como contrastado com o Cristianismo, que os cristãos consideram não como ‘religião’, mas como revelação bíblica direta do Criador). O humanista considera o homem como o ápice de um processo evolutivo que aconteceu durante bilhões de anos (ela mesma uma suposição religiosa!). Portanto, ele pode ridicularizar qualquer tentativa de ver a ciência da economia mediante olhos cristãos como ‘a-científica’. O cristão, por outro lado, pode apenas perguntar: O que o apóstolo Paulo quis dizer quando, falando de Cristo, disse, ‘em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos’? Isso não inclui todo *conhecimento*, o mundo da ciência bem como tudo o mais?”

“*Todos* os tesouros da sabedoria e do conhecimento, mesmo aqueles da ciência, podem ser procurados com mais sucesso e proveito *somente* se aquele que busca mantiver seus olhos constantemente focados na Pessoa de Jesus Cristo. Se tudo que consideramos como conhecimento não é continuamente testado contra o Critério Inamovível, Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador, tal pessoa pode mui provavelmente terminar apenas com uma pseudo-ciência, que o leva para longe da realidade, e não em direção a ela” (Tom Rose, *Economics: Principles and Policy From a Christian Perspective*, p. 15).

Fonte: *God and Government – volume 2*,
Gary DeMar, p. 143-7 e 150.